

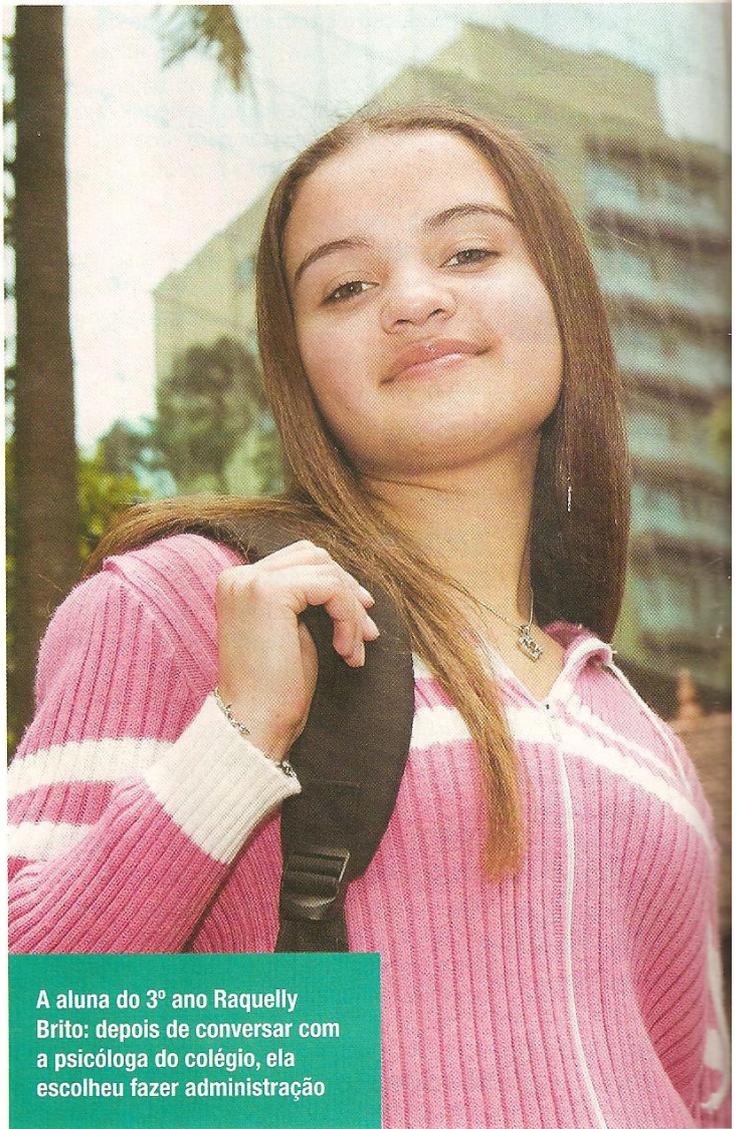
Orientação profissional vale a pena?

Especialistas dizem que processo pode ajudar, mas o principal é ter autoconhecimento e informações sobre o mercado e a carreira

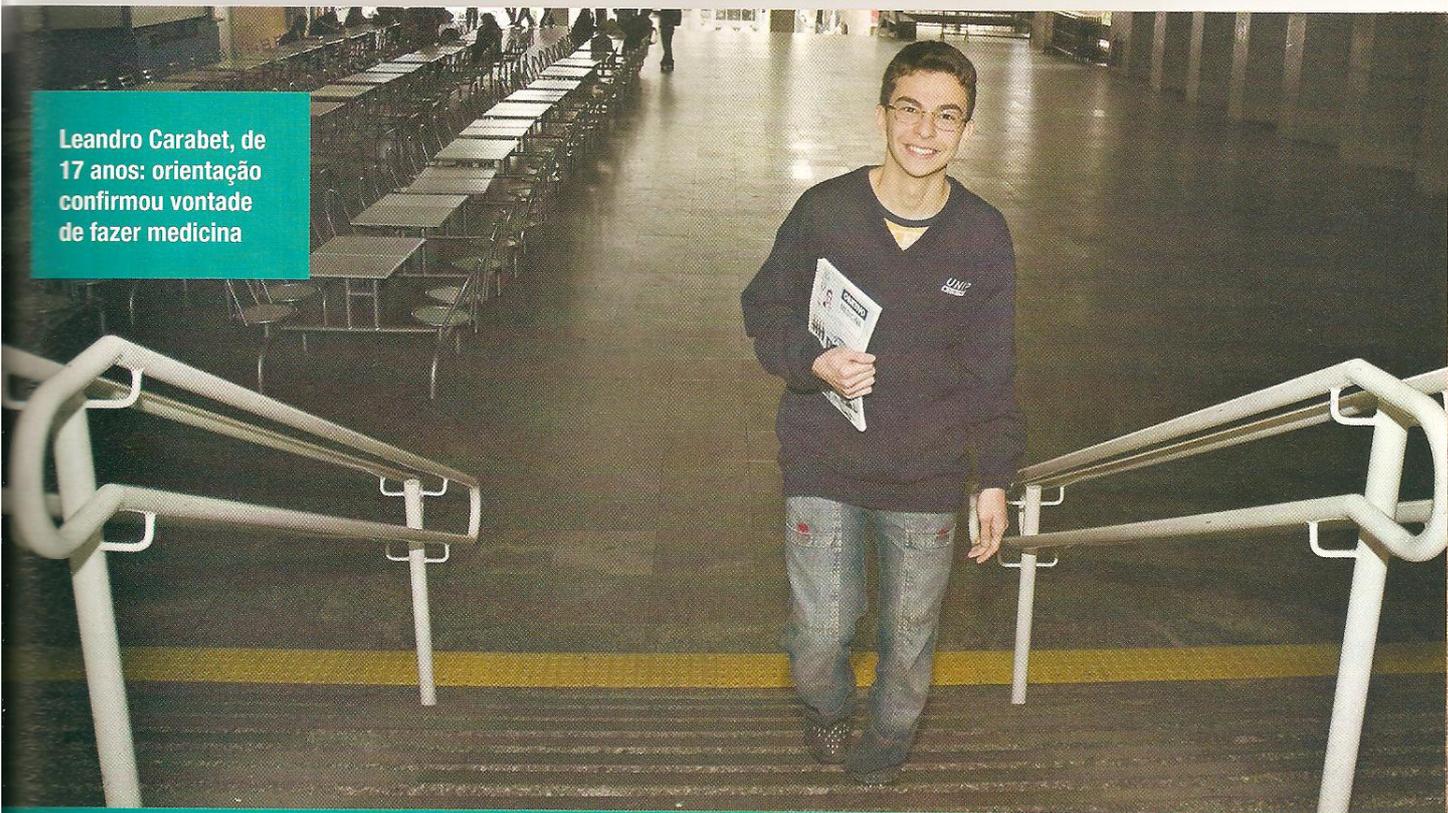
Como tomar a decisão certa ao escolher uma carreira? Especialistas são enfáticos: o autoconhecimento. Enquanto o jovem não se conhecer melhor, ele não vai saber seus gostos, habilidades e afinidades a ponto de se decidir por uma profissão. “Quem escolhe sem pensar tem mais chance de passar por uma frustração”, afirma a psicóloga Yvette Lehman, coordenadora do Serviço de Orientação Profissional da USP. Além disso, o estudante precisa se informar. “O processo de escolha tem que se basear no tripé autoconhecimento, informações sobre o mercado e informações sobre a carreira”, afirma a consultora de carreira Maria Lucia Zerbini Pereira.

Mas é preciso cuidado. “Se o jovem não estiver preparado, ele pode se encantar demais ou se desencantar totalmente”, ressalta Silvio Bock, pedagogo e coordenador do

Fotos: Gustavo Morita



A aluna do 3º ano Raquelly Brito: depois de conversar com a psicóloga do colégio, ela escolheu fazer administração



Leandro Carabet, de 17 anos: orientação confirmou vontade de fazer medicina

Departamento de Orientação Vocacional do Instituto Nace.

E não adianta escolher uma profissão porque disseram que ela paga bem. Se a pessoa não gostar do que faz, provavelmente será um profissional ruim. “Ele ganhará pouco ou até ficará desempregado”, diz Ruy Leal, superintendente do Instituto Via de Acesso. “O que interessa é fazer aquilo que gosta e que talvez pague menos. Se você for o melhor naquilo, vai ganhar bem”.

Uma boa opção para quem está em dúvida é procurar ajuda de especialistas, que consideram essencial a orientação vocacional. “O objetivo é ajudar o jovem a fazer seu plano de carreira”, explica Bock. Foi o que fez Raquelly Alves Brito, de 16 anos, aluna do 3º ano do ensino médio do Colégio Santa Maria. “Eu estava muito perdida, não sabia o que queria”, conta. “Pensava em psicologia, turismo, administração e marketing”. Orientada pela psicóloga do colégio, Raquelly refletiu

sobre seus interesses, e se informou sobre o mercado de trabalho. “Vi que o curso de administração engloba tudo o que quero e vai me dar a possibilidade de trabalhar em muitas áreas diferentes”, afirma.

A psicóloga e consultora de carreira Adriana Gomes dá a dica. “O jovem precisa pesar suas afinidades e fazer uma análise profunda de seus interesses”. A variedade de carreiras disponíveis pode ser um problema, mas não é o principal. “Muitas profissões vão continuar surgindo”, aponta a orientadora profissional Giselle Welter, para quem isso não é um fator de peso. O que dificulta a decisão é a falta de um plano de vida. “De repente o estudante é cobrado para decidir sobre o que quer fazer de sua vida, sem ter pensado sobre isso”, observa.

No caso do estudante Leandro Carabet, de 17 anos, aluno do 3º ano do ensino médio do Objetivo, a busca pela orientação profissional foi mais simples. Decidido a prestar

vestibular para medicina, ele queria ter certeza de ter feito a escolha certa. Conversando com a psicóloga da escola, ele conseguiu. “O processo me ajudou a conhecer melhor minha personalidade e ver que eu realmente tenho aptidão para a carreira”, conta o estudante, que até visitou a sala de anatomia da Faculdade de Medicina da USP. “Foi natural, não senti nenhum incômodo vendo as partes do corpo humano”, diz, orgulhoso.

Para quem não tem condições de procurar um serviço especializado, Maria Lucia sugere uma reflexão e uma pesquisa profunda sobre as áreas de interesse. O mais importante é não ter pressa e não deixar a pressão tomar conta da situação. “Se o estudante estiver em dúvida e achar que precisa, deve ficar mais um ano no cursinho até se decidir”, diz.

E se depois de iniciar uma faculdade o jovem perceber que errou na profissão escolhida? “Tem que começar de novo, sem medo”, afirma Giselle. **! (P.J.)**